

■ A VIDA ■
NO TEMPO
dos deuses

O EGITO DOS FARAÓS E SACERDOTES

Raquel dos Santos Funari

Coordenação:
Marly Rodrigues
Maria Helena Simões Paes

 **Atual**
Editora



Biografia



Sou professora e autora de livros de História. Nasci em Belo Horizonte, onde concluí o curso de licenciatura em História. Leciono em São Paulo há alguns anos e tenho atuado como consultora pedagógica para a *Enciclopédia do estudante*, publicada na revista *Recreio*, da editora Abril, e para a revista *Lição de Casa*, publicada pelo jornal *O Estado de S. Paulo*.

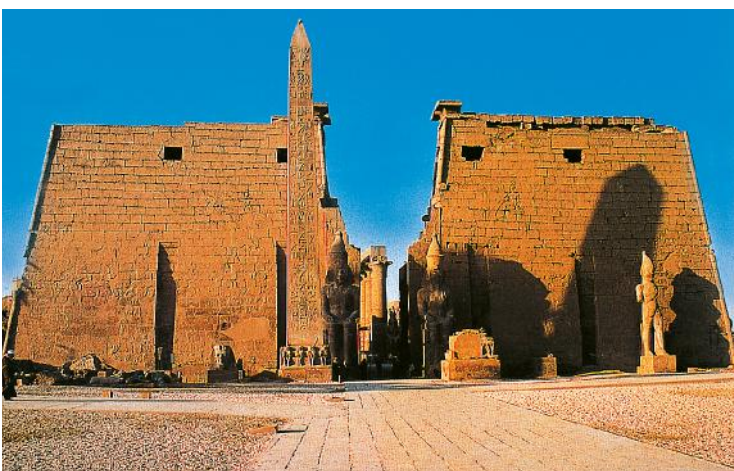
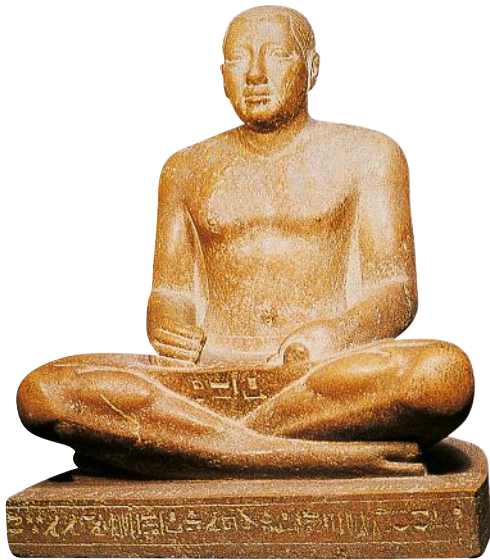
A civilização egípcia sempre me atraiu, por ser uma das mais fascinantes da história humana, com suas pirâmides, múmias e faraós. Fico muito entusiasmada quando vejo meus alunos, ao estudarem o Egito antigo, ficarem curiosos sobre os mistérios da mumificação e outros aspectos da vida cotidiana dos egípcios. Exatamente para atender à curiosidade deles é que tenho pesquisado sobre essa civilização, buscando informações, documentos e imagens para enriquecer minhas aulas.

Este livro pretende apresentar aos jovens em geral parte do resultado desse meu trabalho, na esperança de que, dessa forma, eles também se encantem pelo fascinante mundo egípcio e, quem sabe, comecem suas próprias investigações e pesquisas.

A meus pais.

Agradecimentos

*A Pedro Paulo A. Funari, Fekri Hassan e
Maria Helena Rocha de Oliveira.*



SUMÁRIO

Introdução: O Nilo ----- 4

1. Os períodos da história do Egito faraônico ----- 8

2. O cotidiano dos egípcios ----- 11
Cidades e aldeias ----- 11
Trabalhadores ----- 13

3. A moradia egípcia ----- 16
As casas, o mobiliário e os jardins ----- 18

4. A escrita sagrada: os hieróglifos e as crenças ----- 20
O escriba ----- 22
As crenças egípcias ----- 24

5. Faraós e sacerdotes ----- 27
A realeza divina ----- 27
Os servidores dos deuses ----- 28
Os templos, moradas divinas ----- 30

6. Tumbas e ritos funerários ----- 31
Os ritos funerários e o culto aos mortos ----- 31
As pirâmides, moradas para a eternidade ----- 32
O sarcófago e a múmia ----- 33

7. Os últimos reis egípcios já eram gregos ----- 35

Apêndice

Cronologia ----- 37
Para saber mais ----- 38
Bibliografia ----- 39

INTRODUÇÃO

**“A região do Egito é,
para os egípcios,
uma terra adquirida
e um dom do rio.”**

O Nilo

Quem não se fascina com as pirâmides e as múmias egípcias? Esse fascínio já dura muito tempo: os gregos, há 2 500 anos, admiravam a grandeza das construções e realizações dos egípcios. A beleza e os mistérios da escrita hieroglífica também contribuíram para que uma aura de mistério envolvesse a sociedade egípcia. Ainda hoje, não se sabe exatamente como foi possível construir as pirâmides, e nem todos os detalhes da técnica de mumificação foram inteiramente desvendados. Por tudo isso, os egípcios parecem misteriosos e atraentes. Neste livro faremos juntos uma viagem pelo Egito antigo, para conhecermos a sociedade egípcia, suas instituições e crenças.

Há 25 séculos, afirma-se que o “Egito é uma dádiva do Nilo”. Mas por que uma dádiva? Heródoto, um importante historiador grego da Antiguidade, foi o responsável pela propagação dessa ideia através do tempo ao registrar que “a região do Egito é, para os egípcios, uma terra adquirida e um dom do rio”. Ou seja, foi o rio Nilo, com seus sedimentos, que permitiu o plantio para a subsistência e, portanto, todo o desenvolvimento da civilização egípcia. Poderíamos dizer que essa civilização é filha do aluvião, ou seja, dos sedimentos férteis carregados pelo rio.

No vale do rio Nilo, comunidades de agricultores surgiram aproximadamente 7 mil anos atrás; mil anos depois, já havia aldeias agrícolas nessa região do sul do Egito. Nessas aldeias eram cultivados diversos vegetais, como trigo, cevada, pepino, alface, etc. A difusão desse cultivo possibilitou maiores colheitas, e os grãos que não eram consumidos podiam ser armazenados por muito tempo. Assim, se em determinado ano as cheias não eram suficientes para assegurar uma boa safra, utilizavam-se os grãos estocados. A domesticação de diversos animais, como gansos, perus e bois, ocorrida nessa mesma época, aumentou a variedade de alimentos disponíveis. Acredita-se que grande parte das plan-

Nomos do Alto Egito



Adaptado de: *O mundo egípcio*. Madrid: Edições Del Prado, 1996. v. 1. Col. Grandes Impérios e Civilizações.

tas e dos animais domesticados tenham vindo do Oriente, pela península do Sinai (observe o mapa da página 5).

O rio Nilo nasce na África Oriental e dirige-se, por centenas de quilômetros, para o norte, rumo ao mar Mediterrâneo. Os últimos 2 mil quilômetros do Nilo cortam um imenso deserto, o Saara (em árabe, *Saara* quer dizer “deserto”). Observe novamente o mapa.

Há 15 mil anos, o Nilo recebia a água de muitos rios que existiam nessa região, pois não havia um deserto ali. Nessa época, os homens viviam longe do Nilo, pois ele era infestado por insetos e por grandes animais, como os crocodilos, e suas margens estavam sujeitas a inundações. Mas o clima começou a alterar-se, há 9 mil anos, e todo o norte da África foi se tornando cada vez mais seco, até transformar-se em um deserto. O rio Nilo passou então a ser a grande fonte de água dessa região. Há cerca de 7 mil anos, os homens foram viver às margens do Nilo, pois ali encontravam tudo o que era fundamental para a manutenção da vida humana: o Sol, os animais, a fertilidade da terra. Na crescente penúria provocada pela desertificação, os recursos naturais foram se tornando cada vez mais valorizados. Isso explica por que o Sol e os animais eram considerados divindades importantes. O próprio nome *Egito* quer dizer “terra preta” ou “terra fértil”. Era assim que os egípcios se referiam ao seu território, em oposição ao deserto — a “terra vermelha” — que o circundava.

As aldeias formavam distritos, conhecidos como nomos, que ocuparam duas grandes áreas, o Alto e o Baixo Egito. O Baixo Egito, ao norte,

compreendia o delta do Nilo, uma área menos seca, servida pelos inúmeros braços do rio Nilo que se dirigiam ao mar Mediterrâneo. O Alto Egito, ao sul, compreendia uma estreita faixa de terra fertilizada pelas cheias do rio que se estendia ao longo de centenas de quilômetros (veja o mapa da página 5). Como resultado dessas diferenças, cada uma das áreas sempre manteve sua identidade, a ponto de os faraós serem considerados “senhores das duas terras”, com duas coroas na cabeça, uma do Alto, outra do Baixo Egito, como se observa na figura abaixo.

Heródoto, em sua obra *História*, descreve o regime das cheias da seguinte forma:

O Nilo, quando cheio, inunda não só o Delta, mas também o território que se diz ser líbio e arábico, pela extensão de dois dias de marcha de cada um dos lados, às vezes mais do que isso, às vezes menos. Quanto à natureza do rio, não fui capaz de aprender algo nem dos sacerdotes nem dos outros. Estava disposto a saber deles por que o Nilo, durante cem dias, começando do solstício de verão, fica cheio e, decorrido esse número de dias, a corrente se retira e abaixa, de modo que transcorre todo o inverno em proporção modesta até o retorno do solstício de verão.

Atualmente, sabemos que é o regime de chuvas na África tropical que explica as cheias do rio Nilo.

O Egito hoje é um país que recebe anualmente milhões de turistas, que para lá se dirigem a fim de



Nessa ilustração, à esquerda vemos o faraó com a coroa do Baixo Egito, no centro, com a coroa do Alto Egito e à direita com a coroa representando a unificação do Alto com o Baixo Egito.